

# 4

## UM RUMOR DE DRAGÕES OS MONSTROS E OS SERES DO MAL DO VELHO TESTAMENTO

Ricardo Quadros de Gouvêa\*

Como Wilhelm Bousset demonstra, a idéia de um conflito final com uma figura anti-Deus no fim dos tempos, figura que está presente em muitas culturas antigas, e particularmente nas mitologias persa e babilônica, é a principal fonte das concepções judaicas que deram origem à doutrina cristã do anticristo.<sup>1</sup> Encontramos nas páginas do Velho Testamento muitas referências a estes monstros e seres do mal, e estas passagens dão uma importante contribuição para o estudo do anticristo.

Eles são, na verdade, **o próprio arquétipo do anticristo**. Eu dou abaixo, portanto, um breve resumo do meu estudo sobre o ensino bíblico acerca de cada ser monstruoso, e explico como eles são relacionados à posterior concepção do anticristo. Resolvi selecionar alguns dos principais seres para servirem de exemplo, e vamos lidar com os seguintes conceitos:

\* Ricardo Quadros de Gouvêa é ministro presbiteriano, Doutor em Teologia e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>1</sup> W. Bousset, *The Antichrist Legend* (London: Hutchinson, 1896), 3-18. Veja também W. Bousset, em: J. Hastings (ed.), *Encyclopedia of Religion and Ethics*, Vol. I, 578.

**(1) Raabe; (2) Leviatã; (3) Beemote; (4) Tanin; (5) Nahash; (6) Lilith; (7) Satanás; e finalmente (8) Belial.**

## 1. Raabe

O primeiro monstro que vamos dar uma olhada é **Raabe**. Jó descreve Deus em uma luta permanente com Raabe: “Com sua força fende o mar e com seu entendimento abate o adversário. Pelo seu sopro aclara os céus, e sua mão fere o dragão veloz (nahash bariah)” (Jó 26.12,13).<sup>2</sup> A RSV e a NIV trazem *Rahab*, como no texto hebraico. A LXX tem κητος (termo de difícil tradução que deu origem ao termo biológico “cetácio” com o qual nos referimos às baleias e outros mamíferos marinhos). Algumas traduções têm *the proud* (o orgulhoso, KJV), enquanto outras preferem *the adversary* (o adversário, Versão Atualizada em Português de João Ferreira de Almeida). Ainda encontramos a noção de uma certa arrogância marítima (*El agita el mar com su poder, y com su entendimiento hiere la arrogancia suya*, Versão Espanhola Revisada, de Cipriano de Valera).<sup>3</sup>

O monstro Raabe vive no abismo, ou no oceano. Um abismo, na antiguidade oriental, era entendido como um buraco sem fundo, uma fenda profunda, profundezas imensuráveis. Na cultura hebraica certamente, assim como em outras culturas da época, a palavra abismo (*tehon*, Gn. 1.2), parece muitas vezes designar o oceano. Lá no abismo ou no oceano, Raabe está tanto sendo constantemente abatido por Deus ou já está derrotado por ele nos dias primitivos. Os versos do Velho Testamento que falam sobre Raabe parecem ter diferentes perspectivas nesta questão: alguns dizem que Deus derrotou Raabe no passado eterno ou, mais propriamente, na criação, como em Sl. 89.10, no qual todo o contexto aponta para uma ação de Deus no

<sup>2</sup> A RSV e a NIV têm *Rahab*, como no texto hebraico. A LXX tem κητος. Algumas traduções têm *the proud* (KJV), enquanto outras preferem *the adversary* (o adversário, Versão Atualizada em Português de João Ferreira de Almeida); ou *the arrogance of the sea* (*El agita el mar com su poder, y com su entendimiento hiere la arrogancia suya*, Versão Espanhola Revisada, de Cipriano de Valera). A partir daqui, quando fizer referência à tradução portuguesa ou Espanhola, usarei respectivamente apenas os nomes *Almeida* e *Valera*.

<sup>3</sup> A partir daqui, quando fizer referência à tradução portuguesa ou Espanhola, usarei respectivamente apenas os nomes *Almeida* e *Valera*

passado, ou melhor, na Criação. Entretanto, em Jó 26.12, por exemplo, todo o contexto é de ação presente contínua. Alguns textos dão a impressão de que o conflito ainda continua, como em Is. 30.7, no qual o monstro é descrito como estático.

Muitos identificam Raabe como uma serpente marinha lendária, um monstro temido pelos navegadores na Idade Média e até mais tarde. Mesmo hoje, é bom recordar, muitas pessoas acreditam em serpentes marinhas ou monstros aquáticos, como o monstro do Lago Ness, na Escócia, ou o monstro do Lago Michigan, nos Estados Unidos, embora estas lendas sejam consideravelmente suspeitas e não terem sido jamais comprovadas.

Tais mitos devem ser interpretados como sonhos coletivos, escondendo formas arquetípicas que, se não são factualmente verdadeiras, escondem verdades profundas sobre aqueles que as criam e sua experiência vivencial. **O abismo**, portanto, o lugar de habitação desses seres, possivelmente deve ser entendido como um lugar representando domínios espirituais, fora do fenômeno natural. Aliás, em Is 30.7 o monstro Raabe é relacionado, por um paralelo poético, a **nahash bariah**, a serpente ou dragão. As traduções têm idéias semelhantes aqui. Algumas apontam para a iniquidade: *crooked serpent* (serpente trapaceira, KJV), δρακοντα αποστατην (LXX); outras apontam para seu movimento: *fleeing serpent* (serpente fugitiva, RSV), *gliding serpent* (serpente deslizante, NIV).

Às vezes encontramos traduções estranhas, como aquelas que trazem “Egito” por “Raabe”: “Deus não revogará a sua própria ira; debaixo dele se encurvam os auxiliares do Egito”. (Jó 9.13). Elas se explicam pela antiga tradição, tão antiga quanto a própria Bíblia, de interpretar estes monstros míticos como representações poéticas dos inimigos de Israel, como o Egito, por exemplo. A RSV e a NIV trazem *Rahab*, que é a palavra apresentada no texto hebraico. A LXX traz κητη. Algumas traduções têm *the proud* (o orgulhoso, KJV) e Valera traz *los sobierbos*, e outras *Egito* (Almeida). A representação poética, se existe, não obscurece, todavia, a referência ao monstro mítico. Portanto, é possível dizer que, de acordo com Jó 9.13, este monstro abominável tem grupos, isto é uma tropa, uma companhia que o serve. Estes grupos se curvam aos pés de Deus. Esta figura, sem dúvida, nos lembra dos demônios do Evangelho se prostrando aos pés de Jesus

(Marcos 5.1-14). Como vemos, Raabe é um ser do mal, e é difícil negar a sua ligação simbólica com **a própria figura de Satanás**.

Eu não vejo problema nesta identificação contanto que se tenha em mente que há outros monstros nas Bíblias, e que o Velho Testamento fala de Satanás em termos diferentes. Infelizmente, eu não serei capaz de prosseguir neste debate interessante neste artigo por uma questão de economia de espaço. O ponto que eu pretendo estabelecer é meramente que estes seres monstruosos do Velho Testamento são arquétipos do conceito cristão de *anticristo*, que, historicamente falando, vem destas figuras antigas, e que pode ser visto como um passo além no desvelamento do *mysterion* do anti-Deus (como em 2 Ts. 2.7, *o mistério da iniquidade*) no processo da revelação progressiva, ou, se preferirmos, no desenvolvimento cultural destas noções.<sup>5</sup>

Outro texto particularmente interessante é Isaías 30.7. Nele encontramos também uma identificação de Raabe com o **Egito**:

Sentença contra a Besta do Sul. Através da terra da aflição e angústia de onde vêm a leoa, o leão, a víbora e a serpente volante, levam a lombos de jumento as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos, os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará. Pois quanto ao Egito, vão e inútil é o seu auxílio; por isso, lhe chamei Gabarola que nada faz. (Is. 30.6,7).

RSV e NIV trazem *Rahab*, como no texto hebraico. Outras têm *arrogant, empty talker* (Almeida, *gabarola*). KJV traz *their strength is to sit still*, no que é seguida por Valera, expressão que é uma paráfrase de difícil justificativa. A LXX tem ματαια, uma palavra relacionada ao termo do Novo Testamento, ματαιολογος, i.e., *empty talker* (fala vazia). O profeta está usando o monstro em um sentido metafórico: Raabe não faz nada, mas ainda permanece estático (RSV), tendo sido oprimido pela mão poderosa de Deus desde o início dos tempos; e como Raabe é meramente uma fala vazia (uma sub-imagem que liga o monstro ao *acusador*, Satanás), assim é o Egito e seus reis, sempre se vangloriando, mas nada fazendo. Os

<sup>5</sup> veja Bousset, *The Antichrist Legend*, 1-18; Vos, *The Pauline Eschatology*, 97-98

faraós, reis do Egito, são outros caracteres bíblicos que carregam a conotação de anti-Deus. O faraó do Êxodo poderia ser chamado, literariamente, de um precursor do anticristo.

Raabe, portanto, é algumas vezes identificado poeticamente com o Egito, como provavelmente é o sentido do Salmo 87.4, embora, curiosamente, todas as traduções analisadas têm *Rahab*, embora esta tradução, fiel ao original hebraico não faça muito sentido no contexto, onde só “Egito” faria sentido. Como já dissemos, embora possamos aceitar uma relação tipológica ou figurativa, é impossível aceitá-la como uma identificação literal, visto que não é provável que ela se ajuste convenientemente em quase todos os versos que se referem a *Raabe*. Por exemplo, entender o Salmo 89.10 (Mt 89.11), em que todas as traduções analisadas, com exceção da LXX, trazem *Rahab* (a LXX tem υπερηφονον), como se referindo apenas ao Egito, me parece inaceitável à luz do v. 9 (Mt 10), que nos mostra que o indivíduo está no mar ou no abismo; e o v. 11 (Mt 12) mostra que o contexto é a Criação, e não o Êxodo.

Dominas a fúria do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as amainas. Calcaste a Raabe, como um ferido de morte; com o teu poderoso braço dispersaste os teus inimigos. Teus são os céus, tua, a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste. (Sl. 89.9-11).

Este verso, na verdade, retrata Raabe como o monstro primitivo do caos no sentido encontrado nas mitologias persa e babilônica. Este monstro lutou com Deus no evento da criação do mundo.<sup>6</sup> O mesmo episódio é lembrado em Isaías 51.9, em que a KJV, seguida por Valera, e a NIV trazem *Rahab*, como no texto hebraico, e já a Almeida tem *Egito*, enquanto que a LXX meramente omite o conceito, quebrando o paralelismo poético.

Desperta, desperta, arma-te de força, braço do Senhor; desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas; não és tu aquele que abateu o Egito e feriu o monstro marinho? (Is. 51.9).

---

<sup>6</sup> Veja cap. 1.

Nesta passagem, Raabe é colocado em paralelo poético com **tanin**, outro nome-de-monstro. É incerto, contudo, se estes dois termos designam, nesta passagem, o mesmo ser do mal ou dois monstros diferentes.

## 2. Leviatã

**Leviatã** é outro monstro mencionado na Bíblia. Ele é muitas vezes identificado com a **baleia**, e algumas traduções refletem esta noção, embora *dragão* seja mais comum. Na cultura ocidental, o termo Leviatã se tornou praticamente um sinônimo de baleia. Isto pode ser visto em muitos textos literários, como o clássico americano *Moby Dick*, de Herman Melville (que usa Leviatã como um sinônimo de baleia), que conta a história de Ahab, capitão do Pequod, e sua busca insana pelos mares pela terrível baleia branca chamada Moby Dick, que havia levado sua perna. O livro, em suas profundas conotações, dizem unanimemente os críticos, é sobre a religião, Deus, o mal, a luta espiritual humana, e o pecado original. É muito curioso que Melville usasse a idéia do Leviatã (em seu caso, Moby Dick) para personificar as forças espirituais invencíveis e incompreensíveis. É pena não termos espaço para explorar o assunto.

Contudo, esta interpretação de Leviatã como meramente a baleia não tem base exegética, e seria tão válida como se Leviatã fosse identificado com qualquer outro animal existente. Isto, na verdade, tem sido feito. Muitos têm tentado identificar Leviatã com outros animais vivos como o **crocodilo**, **o tubarão**, **ou o dragão** que, embora não seja uma criatura viva, é ainda muito concreta em nossa cultura.

O lugar de habitação do Leviatã também é o abismo, ou o oceano (Sl. 104.26) e ali ele folga em liberdade. “Por ele transitam os navios e o monstro marinho que formaste para nele folgar”. A KJV, Valera, RSV e NIV trazem *Leviathan*, como no texto hebraico. Almeida traz *monstro*, e a LXX traz δρᾶκων. Alguns podem ter o poder de despertar o Leviatã (Jó 3.8). “Amaldiçoem-na aqueles que sabem amaldiçoar o dia e sabem excitar o monstro marinho”. Valera, RSV e NIV trazem *Leviathan*, como no texto hebraico. A KJV traz *their mourning* (seu lamento), que é difícil de justificar; já a Almeida traz *monstro marinho*, e a LXX traz το μεγα κητος. É muito

difícil entender tanto como esta instigação (ou despertamento) poderia acontecer, quanto onde e quando isto aconteceria. Duas principais possibilidades são que (i) Jó está se referindo à baleia ou ao dragão caçando, ou que (ii) Jó está se referindo à feitiçaria, que desperta forças do mal.

No Salmo 74.13,14 lemos:

Tu, com o teu poder, dividiste o mar; esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos. Tu espedaçaste as cabeças do crocodilo e o deste por alimento às alimárias do deserto. (Sl 74.13,14)

Deus aqui é visto como vitorioso sobre Leviatã. A KJV, Valera, RSV e NIV trazem *Leviathan*, como no texto hebraico. Já a Almeida traz *crocodilo*, e a LXX traz δρᾶκων (dragão). Leviatã aqui é relacionado por um paralelo poético aos **taninim** (plural hebraico no texto). A KJV e RSV trazem *dragons* (dragões), seguindo a LXX, enquanto que a NIV traz *monster of the waters* (monstro das águas) no singular, que é difícil de justificar. Já a Almeida traz *monstros marinhos*. Deus despedaça suas cabeças. É curioso, todavia, que o texto, no original hebraico, pareça dar mais de uma cabeça ao Leviatã. Alguns intérpretes gostariam de ver aqui os egípcios metaforicamente descritos como o Leviatã com muitas cabeças. Esta interpretação é razoável visto que também nesta passagem o monstro parece estar ligado à experiência do Êxodo. Contudo, alguns apontaram que a idéia do Leviatã como um monstro marinho de muitas cabeças era comum na Antigüidade e, de fato, a idéia de muitas cabeças pode estar refletida em Ap. 13.1-3.<sup>7</sup>

Em Isaías 27.1, contudo, a vitória final de Deus sobre Leviatã é adiada para um futuro indeterminado:

Naquele dia, o Senhor castigará com a sua dura espada, grande e forte, o dragão, serpente veloz, e o dragão, serpente sinuosa, e matará o monstro [*tanin*, no hebraico] que está no mar. (Is. 27.1).

---

<sup>7</sup> Veja Richard Emmerson, *Antichrist in the Middle Ages*, Seattle: University of Washington, 1981.

A KJV, Valera e NIV trazem Leviathan, como no texto hebraico. Almeida traz dragão, seguindo a LXX. Neste verso, Leviatã é chamado ainda de nahash bariah e nahash akalathon, isto é, uma serpente veloz e uma serpente sinuosa. Com esta dupla referência, mais do que mero paralelismo poético que, aliás, está presente de outra forma (com a dupla de dragões-serpentes em paralelo com “o monstro que está no mar”, o tanin), o profeta poderia ter a corte ou namoro do casal Leviatã e Beemote em mente. Visto que está claro que serpente é usado como um epíteto para Leviatã, adjetivando-o, torna-se incerto se Leviatã e tanin são uma referência à mesma criatura. O mais provável é que o termo “tanin” seja um nome genérico para monstros da estirpe de Leviatã e Beemote.

O mais empolgante texto bíblico acerca de Leviatã está em Jó 41.1-34 (Mt. 40.25-41.26), no qual temos **uma descrição exaustiva do monstro**. Nessa passagem, a KJV, Valera, RSV e NIV trazem *Leviathan*, como no texto hebraico. Já a Almeida traz *crocodilo*. A LXX traz δράκων (dragão). Suas principais características são: feroz, indomado, difícil de capturar (41.2-5,7 + 8,26-29); não confiável, intratável, não social (41.6); tremendamente poderoso; o mero sinal dele é esmagador (41.9-10,25); ele parece estar dormindo ou em descanso, pelo menos na maior parte de tempo (41.10). Até este ponto, poderia ser a descrição de uma baleia ou um crocodilo, embora um pouco exagerada. A partir de então, estas identificações se tornam bem difíceis de justificar, pois ele tem membros (41.12); tem uma postura graciosa (41.12); tem uma pele impenetrável, uma couraça feita de escudos (41.13,15-17,23-24); tem uma boca apavorante com dentes temíveis (41.14); chamas são atiradas de sua boca e fumaça flui de suas narinas (41.18-21); tem um pescoço forte (41.22); seu lado inferior é como cacos de vaso de barro (41.30); é luminoso (41.32). Conforme examinamos os doze itens acima, percebemos que o Leviatã não é um animal vivo, conhecido, ou jamais identificado pela zoologia, mas antes, sua descrição é semelhante à de um dragão, conforme ele tem sido imaginado através dos tempos nas lendas e mitos.



### 3. Beemote

**Beemote** é outro monstro que, embora não apareça com frequência na Bíblia, está presente na cultura judaica **como companheiro de Leviatã**; sendo que Leviatã é uma fêmea e Beemote, um macho.<sup>8</sup> Beemote aparece lado a lado com Leviatã nos seguintes escritos hebraicos: 1 Enoque 60.7-10; 2 Esd 6.49-52; 2 Bar. 29.4. Ford defende a idéia de que eles correspondem aos *Monstros do Caos* da mitologia babilônica. O Beemote é, de acordo com ele, **Tiamat**, *o abismo*, sendo que Leviatã é **Kingu**, *a serpente*.<sup>9</sup> É muito interessante que 2 Esdras afirme que, visto que há dois monstros muito grandes para ficarem juntos no oceano (6.50), **Beemote é mantido aprisionado em terra**, particularmente nas *muitas montanhas* (6.51), sendo que Leviatã é mantida aprisionada nas muitas águas, isto é, o mar (6.52). De acordo com 1 Enoque, Beemote vive em “uma imensidão erma chamada Duidain.”<sup>9</sup> Mounce corretamente aponta para o fato de que ambos os monstros estão em vista na descrição de Jó (caps. 40-41).<sup>10</sup> Esta antiga noção de um casal de monstros é o que possivelmente originou a idéia de dois monstros, um que surge do mar e outro que surge da terra, situação que é claramente descrita em Ap. 13.1-18, em que dois θηρία (“monstros”, termo às vezes traduzido por “bestas”) obviamente refletem os seres monstruosos do Velho Testamento.

### 4. Tanin

**Tanin** é o nome que se refere aos monstros mais comum na Bíblia. Não está claro, contudo, se ele denota uma espécie particular ou é uma **designação geral**.<sup>12</sup> Na verdade, a segunda possibilidade parece mais razoável, visto que tanto Raabe quanto Leviatã são relacionados por paralelos poéticos ao nome *tanin*. Em Is. 27.1, Tanin é descrito como uma criatura marinha, e é colocado em paralelo poético a Leviatã. A KJV, Valera e RSV seguem a LXX e têm *dragon* (dragão). A NIV e Almeida trazem *monstro*

<sup>8</sup> Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 258.

<sup>9</sup> J. Massynberde Ford, *Revelation* (Garden City: Doubleday, 1975), 210.

<sup>10</sup> Robert H. Mounce, *The Book of Revelation*, 258.

<sup>11</sup> Ibid.

(*monster*). Também em Sl 74.13,14, os taninim são relacionados ao Leviatã. A KJV e RSV trazem *dragons* (dragões) seguindo a LXX, enquanto que a NIV traz *monsters of the waters* (monstros das águas) no singular, que é inadequado. Já a Almeida e Valera trazem *monstros marinhos*. Em Is. 51.9, contudo, vemos Tanin relacionado a Raabe em um paralelo poético também. A KJV, Valera e RSV trazem *dragon* (dragão), enquanto a NIV traz *monster* (monstro), e Almeida traz *monstro marinho*. As aparições isoladas podem ser explicadas como indicações genéricas que se referem a um *tanin* qualquer. Contudo, Tanin poderia também ser entendido como um monstro particular diferente tanto de Raabe quanto de Leviatã. Uma terceira possibilidade é ver todos os três nomes como sinônimos indicando o mesmo ser. Esta opção dá a mínima satisfação exegética, enquanto é a mais adequada teologicamente. Em outras palavras, esta interpretação aponta para o significado mais profundo de todas estas figuras míticas, a saber, sua oposição a Deus.

As descrições físicas dos taninim são confusas. Ezequiel profetiza contra o **Faraó** dizendo que ele é *um grande crocodilo* na águas, pois ele pensa ser soberano (Ez. 29.3), assim como os taninim agem como se fossem senhores.

Fala e diz: Assim diz o Senhor Deus: Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito, crocodilo enorme [no hebraico, *tanin*], que deitas no meio dos seus rios (Ex. 29.3a).

A KJV, Valera, RSV e LXX têm *great dragon* (grande dragão). A NIV traz *great monster* (grande monstro). Já a Almeida traz *crocodilo*. É uma comparação, não uma identificação.

Em Dt. 32.33, lemos que os “taninim” (plural hebraico de “tanin”) têm um veneno mortal que é comparado ao vinho dos inimigos de Israel:

---

<sup>12</sup> Nelson Kirst & Milton Schwantes (eds.), *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português* (São Leopoldo: Vozes, 1988), 268.

O seu vinho é ardente veneno de répteis e peçonha terrível de víboras [taninim] (Dt. 32,33).

Nesta passagem, a KJV e LXX trazem *dragons* (dragões). Já Valera, RSV e NIV trazem *serpentes*, e a Almeida traz *répteis*.

Em Lm. 4.3, aprendemos que uma tanin fêmea dá de mamar a seus filhos.

Até os chacais dão o peito, dão de mamar a seus filhos; mas a filha do meu povo tornou-se cruel como os avestruzes no deserto (Lm. 4.3).

Neste verso, há um sério problema manuscritológico, a começar pelo fato de ninguém saber ao certo a que segundo bicho “do deserto” o texto hebraico se refere, e é bastante improvável que a tradução “avestruzes” esteja correta. Para piorar, a palavra *tanin* pode ser fruto de um erro feito pelos copistas em substituição a *tanim* (jackals-chacais, plural hebraico *tanimim*), ou vice-versa. As palavras são, de fato, muito parecidas, mas chacais não têm peçonha. A KJV traz *sea monsters* (monstros marinhos). Já Valera, Almeida, RSV e NIV trazem *chacais* (jackals). Mas a LXX traz *δρακωντες* (dragões).

É interessante que os taninim são citados (no plural) no relato da criação em Gênesis capítulo primeiro. Segundo o texto bíblico, os *taninim* foram criados no quinto dia (Gn. 1.21) junto com outros animais marinhos, répteis e animais que voam, e são descritos como animais grandes.

Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves. (Gn. 1.21,22).

A KJV traz *Great whales* (grandes baleias). A RSV e Valera trazem *great sea monsters* (grandes monstros marinhos). Já a NIV, como Almeida, trazem *grandes animais marinhos* (great creatures of the sea). E a LXX nos confunde ainda mais com *τα κητη τα μεγαλα*.

Para complicar mais nossa busca e nossa interpretação, os “taninim” são considerados bons por Deus, e são abençoados. Deus também os estimula a se multiplicarem.

Em Jó 7.12, contudo, aprendemos que espera-se que os taninim sejam mantidos aprisionados pelos poderes angelicais.

Acaso, sou eu o mar ou algum monstro marinho [tanin], para que me ponhas em guarda? (Jó 7.12).

Tanin é traduzido como *a whale* (uma baleia) pela KJV, e como *um monstro marinho* pela RSV, Valera e Almeida, e ainda como *the monster of the deep* (o monstro das profundezas) pela NIV. Mas a LXX traz “um dragão”.

Desta forma, temos o mesmo nome usado para descrever situações opostas, isto é, uma criatura abençoada em Gênesis, mas também uma criatura aprisionada, em Jó.

As descrições e relações contraditórias podem ser parcialmente explicadas por um estudo diacrônico sério do termo hebraico, porque todas as línguas mudam. Vemos, por exemplo, que Tanin é relacionado a Raabe em um texto que foi produzido muito mais tarde que aqueles que o relacionam a Leviatã. As outras contradições aparentes poderiam ser analisadas da mesma forma, pois um uso do termo é sempre anterior ao outro. Este tipo de abordagem lingüística diacrônica tem sido muito útil para solucionar alguns enigmas bíblicos difíceis. Infelizmente, não temos condição de ir além neste problema.

A melhor forma de compreender Tanin, contudo, é ver o conceito como se indicasse muitas criaturas diferentes. Eu penso que é muito razoável entendê-lo como um termo genérico para monstros parecidos com dragões do abismo, como Raabe e Leviatã, e talvez uma besta grande, real ou imaginária.

#### 4. Nahash

---

<sup>13</sup> Ben Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (London: Samuel Bagster, 1967), 545.

**Nahash** é a palavra hebraica para *serpente, cobra*, mas a palavra é etimologicamente ligada à idéia de encantamento e adivinhação, e também pode se referir a um lugar ou pessoa.<sup>13</sup> Há poucas passagens na Bíblia, no entanto, nas quais Nahash não pode significar simplesmente *cobra*.

Apesar disso, não há como negar que o contexto muitas vezes parece indicar que Nahash é um outro ser do mal, às vezes retratado muito semelhantemente a Raabe ou a Leviatã. De fato, encontramos Nahash em um paralelo poético tanto com um (Jó 26.12,13), quanto com o outro (Is. 27.1), embora no último caso seja quase certo que o autor o intencionava como um cognome para o monstro do qual estava falando.

No texto de Jó, as traduções trazem idéias semelhantes aqui. A LXX insiste em seu δράκοντα (dragão). Algumas traduções apontam para a iniquidade: *crooked serpent* (serpente sinuosa – KJV), outras apontam para seu movimento: *fleeing serpent* (serpente veloz – RSV), *gliding serpent* (serpente deslizante – NIV). No texto de Isaías, *Nahash Bariah* é traduzido como *piercing* (penetrante – KJV), *fleeing* (veloz – RSV), e *gliding serpent* (serpente deslizante – NIV). A LXX traz οφιν φευγοντα (do verbo φυγειν). *Nahash Akalathon* é traduzido como *crooked* (sinuosa – KJV), *twisting* (retorcida – RSV), e *coiling* (enrolada – NIV). A LXX traz οφιν σκολιον (sinuosa, perversa).

Além disso, em Amós 9.3, em que todas as traduções analisadas trazem simplesmente *the serpent* (a serpente), mas a LXX traz δράκων (τω δράκοντι), *nahash* aparece sozinha, designando uma criatura muito específica que vive nas profundezas do abismo:

Se se enconderem no cimo do Carmelo, de lá buscá-los-ei e de lá os tirarei; e, se de meus olhos se ocultarem no fundo do mar, de lá darei ordem à serpente, e ela os morderá (Amós 9.3).

Aqui o termo Nahash parece indicar Raabe ou Leviatã ou até mesmo um terceiro monstro, pois a palavra hebraica significa serpente, mas pode ser também um nome (1 Cr. 4.12; 2 Sm. 17.25-27).<sup>14</sup> Certamente é uma criatura do mal, embora sujeita a Deus.

<sup>14</sup> Ben Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (London: Samuel Bagster, 1967), 545.

A aparição mais importante de Nahash está em Gênesis 3, no qual desempenha um papel fundamental na Queda, tentando a Eva.

“Mas a serpente [*nahash*, mas todas as traduções analisadas trazem serpente”]; “ο οφις” na LXX], mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?” (Gn. 3.1).

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, *nahash* provavelmente não designa uma mera cobra, mas é mais provável que designe um monstro maléfico do abismo, semelhante a um dragão; uma criatura diabólica. Pode-se dizer que esta criatura que fala com Eva seja meramente um réptil (uma cobra). Contudo, sua natureza e características não se encaixam nesta identificação, pois ela fala, pensa racionalmente, é maliciosa e é má. Além do mais, o contexto aponta para realidades espirituais (Gn 3.15) que se encaixam melhor na figura do anti-Deus que a de uma mera cobra, isto é, um réptil. Mesmo que estejamos aqui considerando uma narrativa mítica, faz muito mais sentido pensar na personagem designada pelo termo “nahash” ou “serpente” como um “tanin”, isto é, um monstro como Leviatã ou Beemote, e não meramente uma cobra ou um réptil.

Pode-se dizer que esta serpente não seja real, mas, na verdade, Satanás, que fala com Eva na forma de uma serpente. Esta explicação, contudo, lê no texto mais do que ele diz de verdade, e já é uma leitura interpretativa, ainda que válida. É mais uma interpretação baseada no conhecimento cristão tradicional do que em exegese séria, que leve em consideração aspectos literários. Portanto, eu acredito que a melhor explicação é que a criatura referida em Gênesis 3 é Nahash (ou uma *nahash*: uma serpente marinha ou dragão, isto é, um *tanin*), um monstro do abismo, como o Leviatã, Beemote e Raabe.

## 6. Lilith

**Lilith** é uma figura muito peculiar. Ela não é um monstro semelhante a um dragão, como os outros, mas é um espírito, um dos *mazikim* (espíritos

nocivos): **uma demônia**, na demologia judaica. Na verdade, a figura pode ser remontada à demologia babilônica possivelmente até à suméria.<sup>15</sup> Citada na Bíblia apenas uma vez (Is. 34.14), Lilith é uma criatura que habita no deserto, mais provavelmente **um espírito ou fantasma**.

As feras do deserto se encontrarão com as hienas, e os sátiros [figuras míticas da Grécia] clamarão uns para os outros; fantasmas [Lilith, no original hebraico, e no singular] ali pousarão e acharão para si lugar de repouso. (Is. 34.14).

Lilith é traduzida como *screech owl* (coruja-das-torres) pela KJV e por Valera (*la lechuza*), e como *night hag* (bruxa da noite) pela RSV, a LXX traz ευρον, termo raro em grego e de difícil tradução. Encontramos simplesmente *night creatures* (criaturas noturnas) na NIV, sendo que o plural é muito inoportuno. Já a Almeida traz *fantasmas*, também no plural inoportuno. Leupold identifica Lilith como uma figura demoníaca, e acredita também que a figura dos sátiros (no mesmo verso) se refere aos sátiros míticos, também conotando seres demoníacos.<sup>16</sup> Contudo, Oswalt acredita que o texto se refere (como na NEB e NIV) a animais selvagens normais.<sup>17</sup>

Como recorda, todavia, Otto Kaiser:

A muito temida Lilith era originalmente uma demônia na antiga Mesopotâmia que, provavelmente em virtude da falsa etimologia (não há relação entre seu nome e a palavra *laylah*), se tornou finalmente um espectro noturno.<sup>18</sup>

Ela é descrita como um demônio fêmea com o rosto de uma mulher, cabelo longo e asas.<sup>19</sup> Muitos papéis diferentes foram atribuídos a ela: poluição sexual masculina noturna, problemas no parto, estrangulamento de

---

<sup>15</sup> Gershom Scholem, em: *Encyclopedia Judaica* (Jerusalém: Keter / New York: MacMillan & Co., 1971), Vol. 11, 246.

<sup>16</sup> H. C. Leupold, *Exposition of Isaiah* (Grand Rapids: Baker, 1971), 532.

<sup>17</sup> John N. Oswalt, *The Book of Isaiah 1-39* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), 616.

<sup>18</sup> Otto Kaiser, *Isaiah* (Philadelphia: Westminster, 1974), 359.

crianças pequenas. De acordo com lendas judaicas antigas, Lilith foi a **primeira esposa de Adão**, uma mulher sem valor e vil, que reivindicava independência da liderança do homem. Ela foi severamente punida por Deus e se tornou um fantasma do deserto, vindo à noite para seqüestrar crianças pequenas de suas mães e fazer mal às pessoas em geral.<sup>19</sup>

A literatura midráshica na verdade dá diferentes explicações para a origem de Lilith, Uma explicação encontrada no *Alphabet of Bem Sira*, um Midrash do período geônico:

Relutante em renunciar sua igualdade, disputou com Adão o modo de sua relação. Ao pronunciar o Nome inexprimível, ela voou no ar. A pedido de Adão, Deus enviou atrás dela três anjos: Snwy, Snsnwy e Smnglf. Os três anjos a ameaçaram dizendo que se ela não voltasse, cem de seus filhos morreriam todo dia. Ela se recusou, dizendo que ela era expressamente criada para ferir crianças recém-nascidas. Contudo, ela teve que jurar que quando quer que ela visse a imagem daqueles anjos em um amuleto, ela perderia o poder sobre a criança.

Esta narrativa explica o uso do amuleto para crianças com três anjos, que muitos judeus utilizavam e ainda utilizam. Uma outra explicação é que Adão, depois da queda, separou-se de sua esposa e gerou demônios com Lilith, que tinha se unido a ele sexualmente. Adão foi tomado por sua beleza, e Lilith se deitou com ele e gerou demônios machos e fêmeas.<sup>20</sup>

Comum também é a identificação de Lilith com a Rainha de Sabá. Esta noção, que tem muitas ramificações no folclore judaico, começou no Targum de Jó 1.15, baseada em um mito judeu e árabe de que a Rainha de Sabá era, na verdade, um *gênio*, meio humana e meio demônio. Gershom Scholem ensina:

---

<sup>18</sup> Er. 100b; de acordo com Gershom Scholem, em: *Encyclopedia Judaica*, Vol. 11, 246.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Midrash publicado em *Há-Goren*, 9 (1914), 66-68; e *Dvir*. 1 (1923), 138; e também L. Ginzberg, *Legends of the Jews*, 5; de acordo com Gershom Scholem, em: *Encyclopeia Judaica*, Vol. 11, 246.



No *Livnat há-Sappir*, Joseph Angelino sustenta que os enigmas que a Rainha de Sheba colocou para Salomão são uma repetição das palavras de sedução que Lilith falou para Adão.<sup>21</sup>

Parece claro que Lilith é apenas uma entre as muitas figuras demoníacas na cultura e lenda hebraicas. Eu incluo esta figura aqui como um exemplo da concretude com que a tradição judaica considera estes seres. Ela é, todavia, outro ser anti-Deus (arquetipo de anticristo) que está presente na Bíblia.

## 7. Satanás

**Satanás** é o nome do *acusador* (ou *oponente*, ou *adversário*), que, de fato, é o sentido da palavra hebraica, que seria traduzida para o grego como Σατανας, que é chamado διαβολος, do verbo διαβαλω (que traz acusações, acusa).

Sua principal aparição no Velho Testamento está em Jó 1.6-2.7

Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante Deus, veio também Satanás (*Satanás* significa *acusador*) entre eles. Então, perguntou o Senhor a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu a Senhor e disse: De rodear a terra e passear por ela. (Jó 1.6,7).

Satanás aparece como um entre os anjos, como parte da corte celestial e da família real, onde o *acusador* parece indicar uma função, como sugere Gibson:

... um título que quer dizer *adversário* (na corte) mais que um nome para o Diabo como, com o artigo definido, ele se transforma nos tempos do Novo Testamento. Podemos descrever seu papel como um tipo de promotor divino.<sup>22</sup>

Peter Craigie explica bem:

---

<sup>21</sup> Gershom Scholem, em: *Encyclopedia Judaica*, Vol. 11, 248.

<sup>22</sup> John C. L. Gibson, *Job* Philadelphia: Westminster, 1982), 11.

A cena é como a de uma corte: Deus está presente, atuando no papel de juiz, com Satanás próximo a ele no papel de promotor (*Observe: Satanás*, em Hebraico, significa *oponente* ou *acusador*. A palavra não é aqui o nome pessoal, *Satanás*, como ele se torna na história posterior judia e cristã. O Satanás, como em Jó 1-2, é um servo de Deus cuja única autoridade é dada por Deus. Mas neste texto, começamos a sentir o caráter malicioso *do Satanás*, que pode ter sido parte de uma tendência para o conceito posterior do ser demoníaco *Satanás*).

Definitivamente, Satanás é uma presença rara no Velho Testamento. Ele aparece apenas três vezes: Jó 1.6-2.7 (acusador); 1 Cr. 21.1 (tentador); e Zc. 3.1-2 (acusador).<sup>23</sup> Provavelmente Satanás se tornou popular na cultura judaica apenas no período pós-exílio, pois as três referências a ele acontecem em textos posteriores.

“Satanás é nomeado definitivamente pela primeira vez... nos escritos do período após o exílio”, diz-nos Delitsch.<sup>24</sup> Ele aparece na Sabedoria de Salomão 2.24 (a única referência a Satanás nos assim chamados livros deuterocanônicos), que é outro texto hebraico pós-exílico:

Deus não criou o homem para a corrupção, e o fez à imagem de sua própria eternidade, mas pela inveja do diabo, a morte entrou no mundo, e aqueles que pertencem ao seu grupo a experimentam. Mas as almas dos justos estão nas mãos do Senhor, e nenhum tormento os tocará. Aos olhos dos tolos, eles pareciam ter morrido, e sua partida foi uma aflição, e sua partida de nós foi sua destruição, mas eles estão na paz. Pois embora à vista dos homens eles foram punidos, sua esperança é plena de imortalidade. [...] como ouro na fornalha ele (Deus) os provou, e como sacrifício ardente ele os aceitou.<sup>25</sup>

É interessante ver a influência das idéias zoroastrianas neste texto, e.g., o texto de passar pelo fogo depois da morte, e a aniquilação dos maus.

---

<sup>23</sup> Peter C. Craigie, *Twelve Prophets* (Philadelphia: Westminster, 1985), Vol. II, 173.

<sup>24</sup> F. Delitzsch, *Job* (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), 27.

<sup>25</sup> Sabedoria de Salomão 2. 23-3.4,6 (RSV)

Parece claro que também o diabo, no judaísmo posterior e no cristianismo primitivo, é uma figura muito dependente da figura de “Angra Mainyu” do Zoroastriano (no Pahlavi, “Ahriman”).<sup>26</sup>

Parece claro agora que Satanás é o equivalente hebraico desta figura poderosa do mal presente na maioria das culturas da Ásia Oriental, bem como no Egito e na Europa antiga. Diestel advoga que Satanás é uma cópia direta do Set-Typhon egípcio (com pouquíssimos seguidores), enquanto muitos críticos vêem nele uma figura paralela ao **Ahriman** persa.<sup>27</sup>

Apesar do fato de que Satanás é o fruto do intercâmbio cultural pareça hoje indiscutível, ele obteve, na cultura judaica, e mais ainda, na tradição cristã, um conjunto de características peculiares que o tornam diferente de qualquer um de seus paralelos.

Na verdade, quando consideramos que a obra redentora de Jesus Cristo é considerada por ele e por seus apóstolos de um lado como a derrota de Satanás,<sup>28</sup> devemos admitir que é algo mais que uma lenda. Não se deve jamais ignorantemente menosprezar esta noção, ou qualquer outra, na verdade, como “mera mitologia”. Há muito mais que está em jogo, pois, no mínimo, Satanás, é uma personificação do mal, e o mal é real. É muito importante acreditar em Satanás para que toda a teologia cristã não caia aos pedaços, ou naquilo que ele representa.

Parece-me que a melhor coisa a fazer é admitir que havia verdade nos mitos persas, e verdades que são muito profundas. Ahriman é mais que um mero nome: é um conceito que abrange uma verdade fundamental, e esta verdade foi aperfeiçoada mais tarde quando o conceito se tornou bíblico. “Seria algo miserável para a verdade divina do cristianismo este Satanás não ser nada mais que uma cópia do Ahriman Persa, e conseqüentemente, um mero fantasma”.<sup>29</sup>

Na tradição cristã, Satanás era um anjo de luz chamado **Lúcifer**, que caiu do céu após tentar se colocar no trono de Deus. O nome Lúcifer não é bíblico, mas um nome latino para Satanás que aparece no *Paraíso Perdido*

---

<sup>26</sup> Veja cap. 1.

<sup>27</sup> F. Delitzsch, *Job*, 28.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> *Ibid.*

de John Milton. Além de Milton, Johann W. Goethe, em *Fausto*, criou uma representação muito popular de Satanás pelo nome de *Mifistófeles* o Tentador. No antigo texto *Ascensão de Isaías*, Satanás é chamado de *Sammael*.<sup>30</sup>

A tradição acerca de Lúcifer é muito antiga, e se inicia com uma exegese difícil de se justificar de Isaías 14.12-20<sup>31</sup> e Ezequiel 28.1-19.<sup>32</sup> É debatível se o Novo Testamento de fato se refere à narrativa (Judas 6; Ap. 12.7-12).

Segundo a tradição, o lugar de habitação e reino de Satanás é o **Inferno**, um conceito originado dos conceitos do Novo Testamento,  $\alpha\delta\eta\varsigma$  e  $\gamma\epsilon\epsilon\nu\nu\alpha$ , e do conceito hebraico *Sheol*. A palavra portuguesa “inferno” vem de uma corrupção do latim “infero”, que significa simplesmente “em baixo”, isto é, em baixo da terra. Já a palavra inglesa *Hell* vem do Saxão *hela*, que significa *ocultar*.<sup>34</sup>

O Inferno é uma realidade inquestionável para todos aqueles que consideram a Bíblia seriamente, pois ele está plenamente anunciado nela. Contudo, sua natureza precisa é problemática, e tem sido o motivo de muitas discussões. Basicamente, há aqueles que acreditam em um inferno literal, e aqueles que acreditam em um inferno metafórico. Além disso, há aqueles que afirmam que o inferno deveria ser igualado à aniquilação da alma, uma posição chamada *imortalidade condicional*, ou ainda *aniquilacionismo*. Há também o problema do purgatório que, embora seja uma questão totalmente diferente, ajuda a criar ainda mais incertezas acerca da natureza do inferno.<sup>35</sup>

Nossas idéias de inferno estão mais próximas do conceito bíblico de Gehenna que dos conceitos bíblicos de Hades e de Sheol. Gehenna originalmente era o nome de um vale profundo ao sul de Jerusalém (o Vale

<sup>30</sup> Samuel Davidson, em: *The Encyclopaedia Britannica* 9<sup>th</sup> Edition (1980), Vol. II, 26.

<sup>31</sup> John Sawyer, *Isaiah* (Philadelphia: Westminster, 1982), Vol. I, 144-145.

<sup>32</sup> Peter C. Craigie, *Ezequiel* (Philadelphia: Westminster, 1982), 203-208.

<sup>34</sup> McClintock & Strong, *Encyclopedia of Religious Literature*, Vol. IX, 662.

<sup>35</sup> Para mais estudos sobre o inferno, veja G. C. Berkouwer, *The Return of Christ*, cap. 13; Harry Blamires, *Knowing the Truth about Heaven and Hell* (Ann Arbor: Servant, 1988); e William Crockett (ed.), *Four Views on Hell* (Grand Rapids: Zondervan, 1992).

de Hinom – mencionado em 2 Re. 23.10; cp. Enoque 26.1-5) que é atualmente chamado de Wadi al-Rababah. No final do período pré-exílio, a adoração a Moloque estava acontecendo ali e Josias profanou o lugar. Estas práticas continuaram, entretanto (Jr. 7.31-32; 19.2-6; 32.35). Em Isaías 66.24, contudo, já encontramos a idéia da Gehenna sobrenatural, como um lugar de fogo insaciável diante dos portões de Jerusalém, preparado para as carcassas dos transgressores (cp. Dn. 12.2). Portanto, Gehenna se tornou um abismo cheio de fogo, no sul aberto de Jerusalém, no qual israelitas impiedosos devem ser arremessados após serem submetidos a julgamento (Enoque 26.1-27.3; 90.26-27). Além do mais, sua conotação expandiu de forma a significar um lugar de punição para todos os homens. Nos tempos do Novo Testamento, o conceito já estava disseminado e a forma helenizada da palavra aparece muitas vezes nele (Mt. 3.12; 8.29; 18.8; 25.41; Mc 9.43; Lucas 3.17). Ele é descrito como um lugar de tormento (de fogo insaciável) e eterno. É um lugar onde tanto o corpo quanto a alma podem ser destruídos (Mt. 10.28).<sup>36</sup>

O Sheol é, no pensamento hebreu, a morada dos mortos (o conceito é um paralelo do *Hades* Grego – a LXX quase sempre o traduz por Hades). A etimologia do termo é incerta, ocorrendo também no Sírio e no Etíope. A concepção repousa sobre a crença na vida após a morte (embora o pó volte ao pó, a morte não envolve uma aniquilação completa). Contudo, nem a alma (*nephesh*) nem o espírito (*ruach*) habitam o Hades, apenas os *rephaim* (sombras – Jó 26.6; Sl. 88.11; Is. 14.9) vivem nesta *terra do esquecimento* (Sl. 88.12) onde nada se sabe sobre o que acontece no mundo superior (Jó 14.21). Para o Judeu, o Sheol está debaixo da terra (Gn. 37.35; Is. 14.11,15; Ez. 31.15). Porém, é comparado a uma casa com câmaras e portões.<sup>37</sup>

Mais tarde, no período pós-exílico, após a influência persa, o pensamento hebreu sobre a pós-vida mudou consideravelmente, modificado pelas doutrinas farisaica e essênia. A doutrina da punição começou a

---

<sup>35</sup> G. Dalman, em: *The Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. IV, 442-443.

<sup>37</sup> G. Dalman, em: *The Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. V, 109; também Mc Clintock & Strong, *Encyclopedia of Religious Literature*, Vol. IX, 662-663.

prevalecer, e a idéia de que havia um lugar de punição e um lugar de felicidade substituiu a velha concepção de Sheol.

A idéia grega de Hades (que é o nome do deus, irmão de Zeus, que recebeu o reino dos mortos, em oposição a Poseidon, que recebeu o reino do mar, e Zeus, que recebeu os céus; enquanto a terra era possessão de todos os deuses sob a soberania geral de Zeus) é muito semelhante à do Sheol Hebreu. Era um mundo subterrâneo pelo qual alguns rios fluíam: O rio Estige ou *Stix* (o nome está relacionado ao verbo: *odiar*), que rodeava nove vezes a região. Outros rios são o Cócito (*lamentando pelos mortos*), o Acheron (*dor*), o Pyriphlegethon (*que queima como fogo*), e o Letes (*esquecimento*). Os mortos, ao beberem das águas deste rio, perdiam as memórias de suas vidas anteriores. A tríplice repartição do além, presente no cristianismo medieval (inferno, purgatório e paraíso) já estava bem delineada nos mitos gregos acerca do Hades. A maioria dos mortos segue para a Planície de Asfódelo (uma flor selvagem) para continuar uma existência obscura. Os mais afortunados vão para o Elísio, os Campos Elísios, para desfrutar de uma vida feliz. Já os maus vão para o Tártaro, uma prisão e um lugar de punição.<sup>38</sup>

No Novo Testamento, a palavra Hades é raramente usada (Mt. 11.23; cp. Rm. 10.7; Ef. 4.9; Fl. 2.10). Ela significa tanto lugar de habitação dos mortos quanto lugar de punição. No Apocalipse, os cristãos mortos estão no céu (6.9; 7.9; 15.2) e os outros mortos estão no Hades (20.13), e o abismo sem fundo parece estar distinto dele (9.1,2,11; 11.7), e talvez ele seja visto como um dos *portões* do Hades, o lugar de onde vêm os espíritos maus sob seu líder Abaddon (ou Apollyon).<sup>39</sup>

Não poucos destes conceitos podem ser comparados com itens semelhantes no Zoroastrianismo. O lago de fogo parece ser retrospectivo da corrente de metal derretido que destruirá o enganador (e que salva o fiel – *Yasna* 51.9). Em ambas as tradições, espera-se por um julgamento final individual, e em ambos há perfeita confiança na justiça completa do Juiz. Em

<sup>38</sup> Jack Finegan, *Myth & Mystery*, 161-162.

<sup>39</sup> G. Dalman, em: *The Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. V, 109; também McClintock & Strong, *Encyclopedia of Religious Literature*, Vol. IX, 662-663.

ambas também há, até certo ponto, descrições comparáveis do inferno e do paraíso (que é uma palavra persa, de “*pardessus*” significando “jardim”). Em um Midrash a Isaías 60, a ponte que, na representação zoroastriana, o indivíduo deve cruzar no tempo da morte (sobre o lago de metal derretido), é trazida em relação ao tempo messiânico quando Deus reunirá todas as nações. Diz-se que naquele tempo todas as nações terão que atravessar uma ponte longa, que se estende sobre o inferno e leva ao paraíso.<sup>40</sup>

Está claro, entretanto, que, na época do Novo Testamento, a idéia de Satanás como um ser se tornou conhecida e popular. Mais que isso, cresceu enormemente em complexidade, como explica Finegan:

No Novo Testamento, ele...não é apenas o *acusador* (Ap. 12.10) e o *tentador* (Mt. 4.1-3), mas uma personalidade distinta que incorpora o poder das trevas. Ele é o inimigo da luz e de Deus (Atos 26.18), sendo o *príncipe dos demônios* (Mt. 9.34; etc.), o *governante deste mundo* (João 12.31, etc.), aquele que tem o poder da morte (Hb. 2.14), e *um assassino desde o princípio...um mentiroso e Pai das mentiras* (João 8.44); porém no final, ele será destruído para sempre (Ap. 12.9; 20.10).<sup>41</sup>

Muitas passagens no Novo Testamento fazem referência a ele: Mt. 4.1-11; 9.34 e 10.25 (estes dois versos trazem o nome “Belzebu”, que provavelmente era um dos nomes do deus babilônico Bel, mais especificamente, “Bel, Senhor das Moscas”); 12.26; 13.39; 16.23; 25.41; Marcos 1.13; 3.23-26; 4.15; 8.33; Lucas 10.18; 11.18; 13.16; 22.3; 22.31; João .44; 13.27; também 12.31; 14.30 e 16.11 (estes três versos trazem a expressão: “o príncipe deste mundo”); Atos 5.3; 26.18; Rm. 16.20; 1 Co. 5.5; 7.5; 2 Co. 2.11; 11.4; 12.7; Ef. 2.2 (que traz a expressão “o príncipe da potestade do ar”, “o espírito que está agora operando naqueles que são desobedientes”); 1 Ts. 2.18; 3.5 (“o tentador”); 2 Ts. 2.9; 1 Tm 1.20; 5.15; Judas 9 (o diabo, aqui discutindo com o arcanjo Miguel sobre o corpo de Moisés); e também no Livro do Apocalipse 2.9; 2.13; 2.24; 3.9; 12.9; 20.2 (no qual ele é relacionado à antiga serpente, o dragão), 20.7; e 20.10 (no

---

<sup>40</sup> J. Finegan, *Myth & Mystery*, 117-118.

<sup>41</sup> J. Finegan, *Myth & Mystery*, 116.

qual ele é definitivamente condenado tanto para a eterna punição quanto para a aniquilação – Ap. 20.14).

**A influência zoroastriana** pode ser bem reconhecida na formação do conceito bíblico de Satanás.<sup>42</sup> O **Angra Mainyu** zoroastriano (Pahlavi, Ahriman) é “o espírito hostil”, o inimigo do “espírito santo” Ahura Mazda (Spenta Mainyu), e aparece como um protótipo do Satanás bíblico.<sup>43</sup> Ele trouxe a morte para o mundo (*Yasna* 30.4); ele tem os daevas (espíritos do mal) sob seu controle (30.6); ele e o *druj* (o mais perverso, a personificação do engano) serão derrotados no fim dos tempos (30.8; *Yasht* 19.95-96).<sup>44</sup>

Na **teologia evangélica**, alguns vêem Satanás como poderoso e ativo no mundo dos homens hoje, regularmente vindo com suas hostes de demônios para perturbar a vida humana, possuindo pessoas, tornando difícil para as pessoas se voltarem para Deus, e crescerem espiritualmente, até mesmo exigindo adoração (Satanismo). Tornou-se assunto, por exemplo, de escritores populares como Hal Lindsay (*Satan*) e F. Peretti (*This Present Darkness*), de teólogos respeitáveis como C. S. Lewis (veja *The Screwtape Letters*), e se tornou presença constante e figura indispensável nos cultos e nos discursos de muitas denominações e movimentos cristãos, como os pentecostais, neopentecostais e os movimentos carismáticos.

É muito comum encontrar cristãos que vêem o diabo como retratado por **John Milton**<sup>45</sup> em *Paraíso Perdido*: um general inteligente, poderoso e apavorante. John Milton (1608-1674) foi um poeta inglês. Ele apoiou a causa Puritana. Ele divulgou tratados defendendo a prisão e a execução do Rei Charles I. Na restauração do reino (1660), Milton foi multado e forçado a se refugiar. Foi então que ele ditou (estava cego nesta época) seus épicos *Paradise Lost* (1667) e *Paradise Regained* (1671). *Paradise Lost* (Paraíso Perdido) é considerado um dos maiores épicos mundiais. Ele relata a história da rebelião de Satanás contra Deus e de Adão e Eva, com a intenção fixa de “justificar os caminhos de Deus para o homem”.

<sup>42</sup> T. H. Gaster, em: G. A. Buttrick (ed.), *Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nashville: Abingdon, 1962), Vol. IV, 226.

<sup>43</sup> J. Finegan, *Myth & Mystery*, 116.

<sup>44</sup> Ibid. Para mais informações sobre este assunto, veja cap. 1.

<sup>45</sup> *Columbia-Viking*, 865-866.



Enquanto os puritanos adotavam a visão miltoniana do diabo, a tradição reformada continental tendia a entender Satanás mais como o retratado por **Dante Alighieri**<sup>46</sup> em *A Divina Comédia*: um inimigo derrotado, sem poder e lastimável, um prisioneiro definitivamente escravizado quando Cristo foi vitorioso sobre ele no Calvário. Mais a frente retornaremos a Dante e a sua *Comédia*.

Eu acredito que a melhor forma de entender o diabo é vê-lo paradoxalmente tanto como poderoso quanto sem poder ao mesmo tempo. Ele é poderoso e medonho porque ele é aquele que dá poder ao anticristo (2 Ts. 2.9), e age através dele contra Cristo, a igreja, e cada cristão. Por outro lado, ele não tem poder contra aqueles que estão selados pelo Espírito Santo:

[...] em quem (Cristo) também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória (Ef. 1.13,14).

É absurdo pensar que Deus permitiria que o diabo enganasse aqueles que pertencem a Ele. Além disso, como Eliseu disse: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2 Re. 6.16). Verdadeiramente, maior é aquele que está conosco do que aquele que está contra nós. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm. 8.31). De fato, se Deus está conosco (Deus conosco = Emanuel = Jesus), nenhum poder pode nos confrontar, e estamos livres das garras do diabo.

Satanás é visto no *nahash* de Gênesis 3. O Novo Testamento relaciona o Σατανας, ou διαβολος, ao ο οφης ο αρχαιος (Ap. 12.9; 20.2). Ele é enfaticamente chamado de *o dragão* (Ap. 12.3,4,7,9,13,16,17; 16.13; 20.2), provavelmente influenciado pela LXX, que com muita frequência usa o termo para designar os monstros do abismo. Como veremos, o Apocalipse consegue conectar, à pessoa de Satanás, todos os **monstros do abismo**. Isto não

---

<sup>46</sup> Para Dante, veja p. 43.

significa que são todos a mesma entidade, visto que as imagens apocalípticas são obscuras o suficiente para tornar difícil determinar se estas conexões devem ser entendidas literalmente ou metaforicamente. Além disso, é importante adicionar que, em Ap. 12.3, o dragão é descrito como a besta do cap. 13, com dez cabeças e dez chifres. Isto não significa que Satanás é basicamente o anticristo, mas não se pode negar que ambos pertencem ao grupo das figuras bíblicas anti-Deus. É muito improvável que se deva insistir em uma identificação total. Por outro lado, todos os monstros do Velho Testamento e seres do mal realmente representam o poder arquétipo anticristão, e podem obviamente ser chamados de precursores do anticristo, até mesmo o próprio Satanás. Isto seria adequado para um entendimento diádico trimodal do anticristo.

## 7. Belial

Finalmente, há a misteriosa figura do mal que recebe o nome de **Beliar** (ou **Belial**). No velho Testamento, o termo *belial*<sup>47</sup> não denota exatamente um ser, mas é antes um adjetivo, e uma ofensa: os *filhos de belial* (2 Cr. 13.7):

“Ajuntou-se a ele gente vadia, homens malignos (filhos de belial); fortificaram-se contra Roboão, filho de Salomão; sendo Roboão ainda jovem e indeciso, não lhes pôde resistir”. (2 Cr. 13.7).

A palavra hebraica *beliya'al* significa *sem valor, inútil*.<sup>48</sup> Os *filhos de belial* são “homens vazios”. A **tradição rabínica**, contudo, interpretou *belial* como “sem jugo” (*beli'ol*).<sup>49</sup> Cheyne identifica *belial* com o *Belili* babilônico; Hommel defende, por outro lado, que os babilônicos tomaram emprestado seu *Belili* das culturas semitas.<sup>50</sup> O fato é que não há nenhuma

---

<sup>47</sup> Eu capitalizei as palavras *belial* e *beliar* apenas quando elas certamente se referem a seres pessoais.

<sup>48</sup> D. A. Hubbard, em: Walter Elwell (ed.), *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker, 1984), 55.

<sup>49</sup> *Ibid.*

<sup>50</sup> G. Vos, *The Pauline Eschatology*, 103.

garantia para estas especulações. Muito provavelmente, *belial* seja uma palavra e um conceito judaicos (*beliya'al*).

É interessante ver o que é dito desses *filhos de belial* que se pode ver como prefigurando o anticristo. Belial está ligado no Velho Testamento à: idolatria (Dt. 13.13); imoralidade sexual (Jz. 19.22; 20.13), embriaguez (1 Sm. 1.16); desprezo por Deus (1 Sm. 2.12); sacrilégio (1 Sm. 2.17,22), desrespeito pela autoridade (1 Sm. 10.27; 2 Cr. 13.7), falta de hospitalidade (1 Sm. 25.17,25), falso testemunho (1 Re. 21.10,13), linguagem perversa (Pv. 6.12; 16.27).<sup>51</sup>

Já na tradição judaica apocalíptica posterior ou pós-exílica, Belial (ou Beliar) é um demônio ou homem mau, uma figura escatológica perversa que luta contra o Santo Deus.<sup>52</sup> Esta concepção posterior de *Beliar* também está presente na Bíblia (2 Co. 6.15). É mais provável que o último conceito originou-se do primeiro.<sup>53</sup> Belial (ou Beliar) aparece primeiro como o comandante de um exército gentilico do mal no **Pergaminho de Guerra de Qumran**, e depois como um espírito satânico nos **Oráculos Sibílicos** (3.63-92).<sup>54</sup>

A LXX traduz *belial* por *paranomos*, isto é, transgressor da lei.<sup>55</sup> Muitos ligam o *paranomos* da LXX ao *iníquo* de Paulo (2 Ts. 2.3). Contudo, Paulo distingue Beliar do *iníquo*. Ele usa *Beliar* como sinônimo de **Satanás** (2 Co. 6.15)<sup>56</sup> sendo que Satanás e o *iníquo* são diferenciados em 2 Ts. 2.1-12. Mais adequada é a explicação de Charles:

O *Anomos* de Paulo, um homem oposto a Deus, uma soberania humana armada com poder miraculoso, é o resultado de uma fusão entre duas tradições distintas e originalmente independentes: a do anticristo e a de Beliar.<sup>57</sup>

<sup>51</sup> D. A. Hubbard, em: Walter Elwell (ed.), *Evangelical Dictionary of Theology*, 55.

<sup>52</sup> G. Vos, *The Pauline Eschatology*, 96-102. Para um estudo completo sobre a lenda de Beliar, veja W. Bousset, *The Antichrist Legend*, 153-156.

<sup>53</sup> D. A. Hubbard, em: Walter Elwell (ed.), *Evangelical Dictionary of Theology*, 55.

<sup>54</sup> W. Bousset, *The Antichrist Legend*, 97.

<sup>55</sup> D. A. Hubbard, em: Walter Elwell (ed.), *Evangelical Dictionary of Theology*, 55.

<sup>56</sup> “Que harmonia, entre Cristo e o Maligno (no texto grego *Beliar*)?” (2 Co. 6.15a).

<sup>57</sup> James Everett Frame, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of St Paul to the Thessalonians* (New York: Charles Scribner's Sons, 1924), 254.

Se Belial estiver, na verdade, conectado à “genealogia” do anticristo, isto provaria que suas origens são extremamente antigas, como apontamos.<sup>58</sup> Contudo, devemos lembrar que qualquer ligação entre o anticristo e Belial é meramente hipotética, mesmo que os argumentos sejam fortes. Friedländer aponta para o fato de que Beliar aparece no *Livro dos Jubileus* Hebraico (I.20) sob o nome deformado de *Belchor*. Posteriormente, ele aparece na forma habitual (XV.33), e aquele Belial está aqui totalmente vazio de associações escatológicas. No esquema de Friedländer, Belial não tem nada a ver com o anticristo, mas é o cabeça histórico de um Gnosticismo-Judaico, uma espécie de heresia antinomiana.<sup>59</sup>

Friedländer foi um erudito do Velho Testamento. Era um judeu liberal de amplo conhecimento que exauriu a hipótese (por isso se tornou famoso) de que existia, de tempos comparativamente primitivos (Pré-NT), um tipo especificamente judeu de gnosticismo. Eles eram chamados de *Minim*. Os *Minim* são, na opinião de Friedländer, um produto da filosofia Judaico-Alexandrina que tinha Philo como seu principal representante.<sup>60</sup>

Concluimos finalmente que há muito mistério acerca desses seres. Um estudo mais completo destes conceitos exigiria uma investigação muito mais ampla para um simples trabalho como este. Embora não possamos solucionar estes mistérios, o que tem sido dito parece ser suficiente para que entendamos suas implicações para o estudo do anticristo. Eles tornam claro que a concepção de anticristo foi formada a partir de realidade espirituais super-poderosas, mais que realidades humanas. O anticristo, de fato, continua a ter um caráter sobrenatural não somente em Daniel, mas também no Novo Testamento.

Mais importante, porém, é começarmos a nos indagar se Raabe, Beemote, Leviatã e companhia não estão vivos e atuantes na atualidade. Não me refiro aos monstros, literalmente, mas aquilo que sempre representaram, isto é, a personificação do mal, em formas bestiais e sobre-humanas. Estaria Thomas Hobbes correto ao identificar Leviatã com o

<sup>58</sup> G. Vos, *The Pauline Eschatology*, 96.

<sup>59</sup> M. Friedländer, *Der Antichrist in den vorchrislichen jüdischen Quellen* (1897); conforme citado em: G. Vos, *The Pauline Eschatology*, 101.

<sup>60</sup> G. Vos, *The Pauline Eschatology*, 103-104.

governo dos estados nacionais? Ou será que, inspirados por seu descortinamento, não poderíamos ir ainda mais longe, e reconhecer em todas as instituições humanas, públicas ou privadas, civis ou militares, seculares ou eclesiásticas, manifestações destes monstros encouraçados e indevassáveis, a folgar arrogantemente sobre as águas como se não houvesse um deus para aniquilá-los, a soltar fogo e fumo pela boca e pelas ventas, a oprimir os povos e cidades, a enganar os homens e mulheres crédulos e carentes deste mundo, oferecendo o espetáculo sobrenatural do seu poder, mas ocultando sua sanha devoradora de gente. De fato, as empresas, instituições e igrejas parecem muitas vezes com dragões devoradores de gente, monstros sem cabeça, ou com dez cabeças, que já não sabem mais a que vieram, ou não existem para outro propósito senão crescer e se multiplicar. Quantas instituições existem hoje, como tantas igrejas, criadas a princípio para o bem das pessoas e da humanidade em geral, que se tornam seus algozes, e passam a existir como se sua razão de ser não fosse aquela originalmente proposta, mas alguma finalidade auto-referente que as tornam uma ameaça a todos e, mais ainda, a Deus e aos valores de seu Reino.